

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA

MARLA JESSICA CAMPOS DE SOUZA MORAES

IDADE MÉDIA NA SALA DE AULA E SUAS REMINISCÊNCIAS NA ATUALIDADE
através da Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara, Maranhão

São Luís

2019

MARLA JESSICA CAMPOS DE SOUZA MORAES

**IDADE MÉDIA NA SALA DE AULA E SUAS REMINISCÊNCIAS NA ATUALIDADE
através da Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara, Maranhão**

Trabalho apresentado como requisito para obtenção da
graduação do Curso de História Licenciatura da
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

Orientadora, Prof.^a Dra. Adriana Zierer.

São Luís

2019

Moraes, Marla Jéssica Campos de Souza.

Idade Média na sala de aula e suas reminiscências na atualidade através da festa do Divino Espírito Santo em Alcântara, Maranhão / Marla Jéssica Campos de Souza Moraes. – São Luís, 2019.

64 f.

Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Zierer.

1. Sala de Aula. 2. Metodologias. 3. Heranças medievais. 4. Festa do Divino Espírito Santo. 5. Maranhão. I. Título

CDU 37.013:94(100)"05..."

MARLA JESSICA CAMPOS DE SOUZA MORAES

**IDADE MÉDIA NA SALA DE AULA E SUAS REMINISCÊNCIAS NA ATUALIDADE
através da Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara, Maranhão**

Trabalho apresentado como requisito para obtenção da
graduação do Curso de História Licenciatura da
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA.

Orientadora, Prof.^a Dra. Adriana Zierer.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

**Prof.^a Dra. Adriana Maria de Souza Zierer.
(Orientadora)**

**Prof.^a Dra Júlia Constança Pereira Camêlo
(1º Examinador)**

**Prof.^a Dra Sandra Regina Rodrigues dos Santos
(2º Examinador)**

AGRADECIMENTOS

Todo agradecimento comete a injustiça de omitir nomes, pois esse sonho é coletivo, essa produção tem um pouco do esforço de muitas pessoas que sempre torceram por sua conclusão.

Agradeço a Deus por cada sonho despertado em mim, por todas as oportunidades de recomeçar. E apesar da longa pausa, aqui estou para honrar e encerrar esse ciclo, esse sonho coletivo.

Agradeço aos amigos conquistados, amigos e amigas que a Universidade me deu, presentes dez anos depois de quando tudo começou. Nossa, quantas histórias compartilhadas, quantas descobertas, congressos, viagens, aventuras, desentendimentos e sorrisos. Tudo tão intenso, que até hoje se perdura. Quantas saudades muitos deixaram, mesmo sabendo que esse processo, a saudade, faz parte da jornada. Escolho como representantes, as que seguem partilhando da minha vida diretamente até hoje, Camila Pereira, Dandara Freire, Rakell Rays, meninas, amigas, até chegadas quanto irmãs, irmãs de jornada, de parcerias, de alma. Agradeço a amizade e parceria. Admiro demais todas vocês, e torço infinitamente pelo sucesso de cada uma.

Ao entrar na universidade e conhecer alunos fatoriais, eu me questionava, nossa, como pode isso, tantos anos e ainda não se formaram, então acabou sendo eu, a passar pelo mesmo processo, (risos). Como foi bom, contando inclusive com todos os sacrifícios, como eu cresci, mudei, aprendi. Se faria tudo outra vez... sim, com certeza.

Gratidão ao corpo docente do curso de História, professores que sempre serão lembrados com admiração, respeito e carinho. Apesar de tantos professores especiais, seleciono aqui como representantes, Henrique Borralho (grande mestre, inteligentíssimo e de uma empatia gigante), que consegue agregar todos os calouros com carinho e simplicidade, seja em sala de aula, seja numa roda informal na feirinha (risos), obrigada por todo conhecimento compartilhado e por todo incentivo.

E, e claro, na condição de minha orientadora, Adriana Zierer, professora amada, zelosa, amável e paciente. Como descrever uma pessoa que tem o lema de... Só o amor constrói: Obrigada professora, por não ter desistido de mim, obrigada por sua orientação em dois anos de bolsa, por sua orientação para este trabalho final. Eu não poderia ter tido maior sorte.

Agradeço em especial a minha família, aos que sempre acreditaram em mim, que eu chegaria ao final. Essa conquista é inteiramente dedicada a vocês, que são minha principal razão.

Minha mãe, Maria Vitória Campos, mulher de fibra, de luta, que enfrentou tantas dificuldades, eu jamais terei palavras para expressar o meu amor, respeito, dedicação, então, na falta destas, lhe dedico meu diploma, sinta como seu esse mérito, pois tantos sacrifícios já fizestes e faz por mim e meus irmãos, aqui está, sua luta não foi em vão, a senhora tem uma filha com curso superior, o mérito é todo seu. A senhora é meu orgulho e inspiração, se eu conseguir ser um terço de tudo o que a senhora foi, serei com certeza, uma excelente mãe. Falando em maternidade, meus filhos, João Lucas Campos Moraes e Maria Alice Campos Moraes, essa conquista também é por vocês, pra vocês. Que hoje tão pequenos, pouco entendem, mas que em algumas décadas, terão a oportunidade de lerem seus nomes neste trabalho, e com fé em Deus e esforço, passarão pelo mesmo processo. Os amo infinitamente. O melhor de mim sempre será em prol de vocês.

Agradeço a minha sogra, professora Jesus, pelo incentivo e apoio em momentos tão decisivos, minha cunhada Natalya, pela ajuda com as crianças, para que eu pudesse estudar. Dedico também, aos meus irmãos, Keily Campos, Andréa Campos, Mila Campos, Jader Campos, também é por vocês, por tudo que já passamos. Aos meus sobrinhos, na singela intenção de servir de exemplo. Ainda, minha tia Maria, que sempre me deu palavras de apoio. E não menos importante, minha irmã de alma e segredos, Jacylene Bogéa, quantos sonhos partilhados nessas décadas de amizade, uma honra agora te invejar com a colação de grau. Sua família é minha família também.

Interessante refletir, o quanto esse momento de agradecer nos traz nostalgia, emoção, sorrisos e também lágrimas. Um misto de bons sentimentos. Uma sensação de dever cumprindo, de orgulho, mesmo que antes tarde do que nunca, aqui estamos todos. Obrigada Senhor. Vamos comemorar. Esse diploma tem meu nome, mas é dedicado a vocês. Obrigada!

“Tudo que é sólido se desmancha no ar.”

(Karl Marx)

RESUMO

O professor como agente reflexivo e questionador, modificando a visão tradicional traz resultados positivos no ensino a partir do uso de novas práticas pedagógicas. Estas têm contribuído para desmistificar conceitos ultrapassados da disciplina História, que a colocavam como resumida a datas e acontecimentos distantes, basicamente, uma disciplina decorativa. Com o anseio de contribuir para a reconstrução do processo de ensino-aprendizagem entre o professor e o aluno, o trabalho em questão propõe o contato efetivo entre a Universidade (através dos alunos da graduação do curso de História) e a comunidade (alunos da educação básica de escolas públicas), visando perceber as necessidades de novas didáticas, novos recursos e novas metodologias, a fim de fazer o aluno sentir-se objeto do seu tempo, tornando-se um ser crítico do seu meio. Com recorte temporal definido – Idade Média, buscou-se refletir sobre as permanências culturais do medievo no Maranhão, com destaque para a Festa do Divino Espírito Santo, em Alcântara, levando assim, o aluno a transcender o seu olhar através da elaboração de material didático sobre o tema e do seu uso com os discentes do ensino básico, estimulando a participação de todos os envolvidos, tornando-os socialmente ativos no processo histórico.

Palavras-chave: Sala de aula; Metodologias; Heranças medievais; Festa do Divino Espírito Santo, Alcântara, Maranhão

ABSTRACT

The inversion of the traditional teacher who has all knowledge to the by the reflective and questioning teacher brought positive results in education from the use of new pedagogical practices. Thus practice has helped to demystify misconceptions about the discipline History, which put it as an obsolete subject, summarized to distant dates and events, basically, a decorative course. With desire to contribute to the reconstruction of the teaching-learning process between the teacher and the student, the project in question proposes effective contact between the University (students from the history course graduation) an the community (basic education students from the public schools), aiming to perceive the needs for new didactics, new resources e new methodologies in order to make the student feel the object of his time. With defined time cut – Middle Ages, we sought to reflect on the cultural remains of the Middle Ages in Maranhão, with emphasises to Feast of Divine Holy Spirit in Alcântara, thus resulting, the student to transcend his look through the elaboration of didactic material about the theme, stimulating the participation of all those involved, making them socially active in the historical process.

Keywords: Classroom; Classroom; Methodologies; Medieval heritages; Feast of the Divine Holy Spirit, Alcântara, Maranhão

LISTA DE FIGURAS

Figura 01.....	18
Figura 02	18
Figura 03.....	19
Figura 04.....	21
Figura 05.....	21
Figura 06.....	22
Figura 07.....	22
Figura 08.....	23
Figura 09.....	27
Figura 10.....	28
Figura 11.....	29
Figura 12.....	29
Figura 13.....	31
Figura 14.....	32
Figura 15.....	32
Figura 16.....	35
Figura 17.....	35
Figura 18.....	47
Figura 19.....	47
Figura 20.....	47
Figura 21.....	48
Figura 22.....	48
Figura 23.....	49
Figura 24.....	49
Figura 25.....	51
Figura 26.....	64
Figura 27.....	64
Figura 28.....	64
Figura 29.....	64

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 O PROJETO DE EXTENSÃO E SUA IMPORTÂNCIA PARA APLICAÇÃO NA SALA DE AULA.....	16
1.1 O projeto de extensão e sua importância social.....	16
1.2 Os caminhos percorridos pelo projeto: conduta e alcance.....	17
1.3 Os benefícios da extensão universitária: as relações entre o ensino de História e as manifestações culturais.....	20
2 A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM ALCÂNTARA (MA) E SUA RELAÇÃO COM O MEDIEVO.....	24
2.1 A Cidade de Alcântara - MA.....	24
2.2 A origem da Festa do Divino Espírito Santo.....	25
2.3 Características da Festa do Divino em Alcântara - MA	27
2.4 Etapas da Festa do Divino em Alcântara.....	30
2.5 As Caixeiras do Divino.....	34
3 O ENSINO DE HISTÓRIA E AS REMINISCÊNCIAS DO MEDIEVO: a festa do Divino em Alcântara.....	38
3.1 A Idade Média na sala de aula aliada às reminiscências da festa do Divino em Alcântara.....	38
3.2 O ensino História da Idade Média em sala de aula.....	40
3.3 A metodologia da História Oral em sala de aula.....	42
3.4 O papel do professor de História.....	44
3.5 A escola onde a temática foi aplicada e sua estrutura física.....	46
3.6 A sala de aula e a festa do Divino como elo entre os acadêmicos e os alunos...	50
3.7. A recepção dos alunos.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	59
APÊNDICE – Atividades desenvolvidas.....	62

INTRODUÇÃO

A Idade Média, considerada desde o Romantismo um dos períodos mais importantes na formação da civilização europeia, caracterizava-se por valores culturais de inspiração clássica, porém, cristianizados pela ética e pela religião. Contudo, a visão elaborada por eruditos iluministas incidindo na retrospectiva da Europa medieval como “Idade das Trevas”, fez desencadear certo “abandono” desses estudos, incorporando ainda, visões preconceituosas acerca de tal período histórico.

Sabe-se ainda que essa visão estava condicionada a uma perspectiva racionalista, liberal e anticlerical num momento em que ser humanista significava colocar em questão os pressupostos teocêntricos defendidos pelos representantes da Igreja Católica, na defesa do avanço das “luzes” da razão e do progresso. Entretanto, “Finalmente, no século XX, passou-se a tentar ver a Idade Média com os olhos dela própria, elaborando novas metodologias e técnicas, a historiografia medievalista deu um enorme salto qualitativo” (FRANCO JÚNIOR, 2006, p.13).

Na perspectiva de aplicação do tema medieval em sala de aula, Macedo (2008, p. 117) esboça que, uma maneira de “escapar da camisa de forças” dos fatos exclusivamente políticos é refletir a respeito da atualidade de legado cultural da Idade Média. Aparentemente distante se observada do ponto de vista político, social e econômico, ela nos parece muito mais próxima quando levamos em conta os comportamentos e atitudes mentais e coletivas em seus aspectos culturais.

A partir de tal análise, percebemos que através das manifestações culturais, teríamos a possibilidade conhecer e/ou reconhecer heranças medievais no Estado do Maranhão, e assim, contextualizar o passado com o presente de maneira peculiar, trazendo a partir do ensino em sala de aula, abordagens críticas e reflexivas sobre o período em questão.

Nas últimas décadas, o interesse pelos estudos dos fenômenos culturais populares – entre elas, as festas – foi retomado e passaram a ser objeto de interesses e de investigações intelectuais (ARAÚJO, 1996, p.27)

Esse interesse pelos fenômenos culturais populares possibilitou assim, explicar sobre uma festa em especial, a festa do Divino Espírito Santo em Alcântara, como uma reminiscência medieval tão singular e preservada, passada de geração para geração. Permitindo ainda, contextualizar o passado medieval com o contemporâneo, evidenciando sua relação direta com tal manifestação cultural no Estado, destacando assim, sua presença continuada e sua importância nos desdobramentos no cotidiano dos envolvidos direta ou indiretamente com esta reminiscência na sociedade em questão.

A partir desse pressuposto, este trabalho buscou mediar o contato entre a Universidade e a sociedade através da proposta de extensão, que visa à interação entre esses os dois espaços, alunos da graduação em História da UEMA e alunos de escolas públicas, procurando sempre um diferencial, buscando mecanismos de elo com a comunidade escolar para identificar as relações vigentes, desmistificando preconceitos e até mudar o possível cenário da falta de interesse dos estudos sobre tal período (Idade Média), já que os alunos da educação básica, muitas vezes não têm tanta motivação em relação à disciplina de História, pois a entendem como uma disciplina meramente decorativa.

A sala de aula deve passar por uma mudança no seu significado, deixando de ser um local onde os alunos vão apenas ouvir o professor, para se transformar num espaço de compartilhamento de saberes, em que as formas de produção do conhecimento e a pesquisa se tornarão os principais referenciais para a prática pedagógica. (HORN; GERMINARI, 2006, p.190)

O projeto em questão constitui-se em apresentar metodologias relacionadas a práticas educativas, como análises de materiais (livros, músicas, vídeos, jogos, filmes, imagens, arquitetura e outros), aulas expositivas, e elaboração de materiais didáticos a fim de contribuir para inserção da temática “heranças medievais” nas salas de aulas. Para tal aplicação, selecionamos a festa do Divino Espírito Santo, que apesar de também acontecer na capital ludovicense, tem particularidades e destaque nacional no município de Alcântara.

No Estado, a manifestação cultural se estabeleceu por ocasião da chegada de imigrantes açorianos no século XVII. A consagrada tradição luso-açoriana do culto ao Divino Espírito Santo se perpetuou tornando-se uma celebração popular-religiosa realizada por memórias continuadas, cultivando seus aspectos de cunho medievais.

No Maranhão, a consagração se perpetuou com a incorporação aos festejos dos negros praticados pelos escravos, sincretizando rituais de coroamentos inspirados nas práticas monárquicas portuguesas, somado a percussão africana. Em Alcântara, a festa é de forte orientação católica. A festa é realizada tradicionalmente no mês de maio, com encerramento no domingo de Pentecostes. Mistura lendas, história e religiosidade. O processo dura em média 15 dias, em Alcântara são 13 dias, tempo necessário para realização de diversos rituais, como procissões, levantamento do mastro, louvores, banquetes e missas.

No primeiro capítulo, tratamos sobre o ensino de História nas escolas e como o papel do professor é essencial para a difusão do conhecimento. Para tal, a reciclagem na forma de abordagem sobre temas cronologicamente distantes, como a Idade Média, é de suma importância para desenvolver um aluno com pensamento crítico. Portanto, aproximar os conteúdos produzidos nas academias junto às escolas, é sem dúvida, um expoente diferencial que soma ao processo de ensino-aprendizagem.

No segundo capítulo, discorremos sobre a festa do Divino Espírito Santo, bem como sua origem na Europa Medieval e sua chegada ao Brasil; posteriormente ao Maranhão, e como esta se desenvolve na cidade de Alcântara: as etapas do rito, as caixeiros, as particularidades dessa manifestação como reminiscência do medievo na Contemporaneidade. Exemplificamos em sala de aula essa manifestação cultural religiosa como caso de estudo sobre os legados referentes aos mil anos de Idade Média.

No terceiro capítulo, pontuamos a execução do significado da extensão universitária, ou seja, trabalhar novos conceitos sobre o período medieval, evidenciando suas permanências, usando de metodologias alternativas (foram desenvolvidas atividades como recurso complementar ao livro didático) dentro da sala de aula, visando levar os alunos à reflexão sobre a disciplina História, e o período em questão, Idade Média, através de uma manifestação cultural religiosa tão conhecida no Estado: a festa do Divino Espírito Santo em Alcântara.

Esperamos com esta pesquisa somar ao processo de ensino-aprendizagem dos discentes a partir das séries iniciais, além de promover interação com esta que é nossa área de trabalho: a sala de aula. Buscamos assim, ofertar aos professores regentes da escola onde a pesquisa foi desenvolvida, alternativas que os auxiliem no ensino da

Idade Média, buscando ajudar os alunos a compreenderem a importância deste período para nossa formação.

Além de tratar sucintamente sobre outros resquícios presentes no nosso cotidiano, estabelecemos o recorte das manifestações culturais, com destaque para a festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (MA), permitindo exemplificar esse legado e sua importância. A confecção de material didático sobre o tema possibilitou de forma didática e participante a inclusão do contexto histórico referente à Idade Média e essas manifestações culturais tão populares no Estado, despertando ainda o lúdico nos alunos, e transformando-os em sujeitos ativos no processo histórico.

1. O PROJETO DE EXTENSÃO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A APLICAÇÃO NA SALA DE AULA.

1.1 O projeto de extensão e sua importância social

Através da Lei 5030/90 foi criada e implantada no Estado do Maranhão, a Fundação de Amparo a Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA, tendo cumprido um papel fundamental para o desenvolvimento científico e tecnológico no Maranhão, além do amparo com custos e incentivos acadêmicos. Em uma de suas ampliações, desenvolve-se o projeto de extensão universitária ou extensão acadêmica que caracterizasse pela ação de uma universidade junto à comunidade a seu redor, disponibilizando, ao público externo à universidade, o conhecimento adquirido com o ensino e a pesquisa desenvolvidos dentro da universidade.

A idéia de extensão está associada à crença de que o conhecimento gerado pelas instituições de pesquisa deve necessariamente possuir intenções de transformar a realidade social, intervindo em suas deficiências e não se limitando apenas à formação dos alunos regulares daquela instituição. Promovendo assim o envolvimento e a cooperação de servidores/alunos em atividades de extensão, favorecendo a integração entre a Universidade e a sociedade, além de oportunizar uma maior democratização do saber, fortalecendo a importância entre Ensino, Pesquisa e Extensão.

No projeto em questão foi fixado ao bolsista dar aulas em uma escola e produzir material didático sobre a Idade Média na longa duração (Idade Média e Moderna) e suas relações com as manifestações populares no Maranhão, através de elementos culturais e do cotidiano. Escolhemos entre esses elementos a Festa do Divino Espírito Santo, muito difundida no estado, principalmente através de sua ocorrência na cidade de Alcântara. É interesse ao discente da UEMA conseguir relacionar estas manifestações culturais tipicamente do período medieval e moderno com a sua reincorporação na cultura maranhense da atualidade.

O pesquisador num primeiro momento efetua leituras visando adquirir um olhar crítico sobre a História a ser ministrada no ensino básico, bem como outros materiais referentes à educação, História e Educação e produção de material didático. Depois faz visita à escola para estabelecer contato com a supervisão e docentes e recolher destes,

sugestões para o trabalho, a serem discutidas com a orientadora em reunião. Um segundo passo é a decisão sobre os módulos a serem produzidos e o material didático na forma de maquetes e jogos, além de textos e do uso de outras metodologias em aula, como o uso de trechos de documentos, imagens e do cinema. E finalmente, sua aplicação em sala de aula.

1.2 Os caminhos percorridos pelo projeto: conduta e alcance

Este projeto desenvolveu-se em duas etapas. No primeiro ano, 2011, fizemos levantamento bibliográfico sobre assuntos relacionados à educação, sala de aula, metodologias, Idade Média, festa do Divino Espírito Santo, também como, visita técnica a cidade de Alcântara, onde fizemos registros fotográficos e entrevista com participantes da festa, como as caixeiras, mordomos e outros ribeirinhos. Todas as atividades somaram para posterior produção de material didáticos.

No primeiro ano de pesquisa, também participamos alguns de eventos, como: *I Jornada de Estudos do Mnemosyne – Laboratório de Antiga e Medieval da Uema (2010)*; além de apresentar uma comunicação sobre o medieval na escola, no *IV Encontro Internacional de História Antiga e Medieval do Maranhão (2011)*. Ainda, participamos com apresentação de trabalho sobre educação no *II Encontro Municipal de História em Alcântara (2011)*; *Oficina de Caixeiras (2011)*; o *Simpósio de História Cultural. Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar (2012)* com exposição e apresentação do painel: Resquícios da cultura medieval no Maranhão; e da *5º Jornada de Extensão Universitária da UEMA (2012)* apresentando trabalho sobre a Idade Média em sala de aula.

A apresentação em eventos da área de medieval e seminários relacionados à proposta de extensão nos possibilitou um primeiro retorno da sociedade acadêmica através da avaliação do público, com críticas, elogios e sugestões. Todas essas etapas foram de suma importância para formação e refinamento dos conteúdos previamente catalogados, para depois fazer sua inserção no espaço desejado: a sala de aula.



Figura 01: Oficina de Caixeiros¹



Figura 02: Chegada ao Porto do jacaré em Alcântara²

¹ Oficina da qual a autora deste trabalho participou em São Luís em dezembro de 2011.

² Visita de campo em Alcântara em maio de 2012 para conhecer a festa do Divino. Fotos do arquivo pessoal.

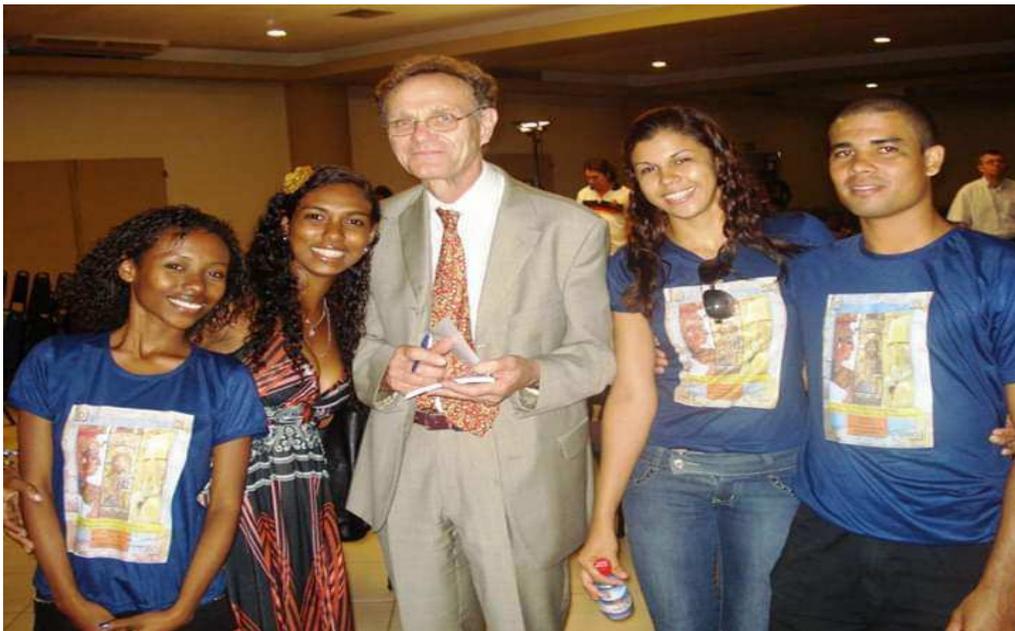


Figura 03: Encontro Internacional de Antiga e Medieval³

Contudo, somente com o apoio de leituras para análise, discussão e procedimentos metodológicos, foi possível contribuir para inserir tal temática à realidade da sociedade maranhense a partir da sala de aula. Buscamos assim, dinamizar o espaço para os diferentes processos formativos na (re)construção dos conhecimentos históricos produzidos dentro e fora das escolas, de maneira que as ações pedagógicas sejam promotoras de práticas e reflexões sobre o ensino de História, em especial, sobre a Idade Média.

Além do principal recorte temático feito pelo projeto, intitulado: Idade Média na sala de aula e suas reminiscências na atualidade através da festa do Divino Espírito Santo em Alcântara, Maranhão, tratamos de forma sucinta sobre alguns outros resquícios medievais, como por exemplo, noções sociais (a credibilidade do acordos feitos através da oralidade), matrimoniais (o ideal de casamento e procriação), arquitetura (monumentos e Igrejas históricas com características da construção medieval), artes (pinturas, esculturas, literaturas), etc. Enfim, tudo que podia levar os alunos à transcendência do olhar a partir de outras perspectivas e dinâmicas, capazes de proporcionar aprendizagem.

³ Foto durante o IV Encontro Internacional de História Antiga e Medieval do Maranhão, realizado em 2011 pela Universidade Estadual do Maranhão. A autora da monografia, bem como seus colegas de blusa azul foram monitores do evento. A autora deste trabalho está do lado direito, juntamente com Alex Silva Costa, de azul. Ambos estão ao lado do Prof. Dr. Jean-Claude Schmitt (EHES/GAHOM), conferencista internacional do evento e um dos maiores medievalistas da atualidade. Do lado esquerdo do docente está de azul, Rakell Rays, da turma da autora na UEMA, e citada nos agradecimentos deste trabalho.

A fundamentação teórica para análises e discussões se deu em concordância á Escola dos *Annales* (1929-1989) no ideal da substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma História-problema. Analisando a História de todas as atividades humanas e não apenas a História política, buscando romper com a relação do “ídolo político”, “ídolo individual” e o “ídolo cronológico” (BURKE, 1989). A pretensão dos fundadores era realizar a “história-problema”, calcada nos homens e não apenas nos “Grandes Homens”.

Sem excluir em sua totalidade os procedimentos e técnicas consideradas importantes para garantir a cientificidade da história, devemos fazer uso de uma abordagem reflexiva, interdisciplinar, que valorize a vivencia do aluno, para transformá-lo em sujeito crítico. Por isso, devemos a partir de novas abordagens, transformar acontecimentos antigos em novos objetos de estudo. Logo,

O professor de História pode ensinar o aluno a adquirir as ferramentas de trabalho necessárias; o saber-fazer, o saber-fazer-bem, lançar os germes do histórico. Ele é o responsável por ensinar o aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista. (SCHMIDT, 2004, p.57)

Para despertar o interesse dos alunos e buscar uma abordagem crítica da História, se fez necessário a trabalhar com aulas dialogadas, com uso de materiais de apoio aos alunos: atividades recreativas pré-estabelecidas, jogos, textos de apoio, imagens, livros, vídeos, filmes, *banners*, etc.), uma vez que de forma geral, o principal recurso utilizado nas escolas são apenas os livros didáticos. Entendemos que o ensino é uma prática dinâmica que requer o constante repensar dos procedimentos metodológicos e das abordagens feitas em sala de aula, a fim de melhor disseminar o conhecimento e contribuir para um ensino aprendizagem que possibilite ao aluno fazer reflexões a cerca do seu meio.

1.3 Os benefícios da extensão universitária: as relações entre o ensino de História e as manifestações culturais

O projeto em questão, intitulado “Idade Média na Sala de Aula e suas Reminiscências na Atualidade através da Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara, Maranhão”, desenvolveu sua aplicação nas turmas da 7ª e 8ª séries (atuais 8º e 9º ano), na escola Unidade de Educação Básica Professor Nascimento de Moraes em 2012.

Consideramos aplicar o projeto nas turmas da 7ª série (8º ano), tomando por referência o fato dos alunos terem tido recentemente, aulas sobre o conteúdo Idade Média pela professora regente da turma, e a 8ª série (9º ano), a fim de instigar por parte dos alunos, suas lembranças desse conteúdo – Idade Média, resgatar suas memórias e identificar o que lhes marcaram desse período, preparando para o próximo contato com o tema no ensino médio.

A culminância do projeto se deu entre alunos do ensino fundamental da Unidade de educação básica Professor Nascimento de Moraes. Abrangendo alunos do nível fundamental, alunos da graduação e professores envolvidos. Ao tratar sobre o quantitativo, participaram em sala de aula: 67 alunos; uma professora de história; uma coordenadora pedagógica; uma orientanda e uma orientadora.



Figuras 04 e 05: Apresentação do projeto em sala por Marla Campos e observação dos alunos nas aulas de História lecionada pela professora Mary Jones Aquino.

Na 7ª série (8º ano), com 32 (trinta e dois) alunos matriculados, tem seu espaço composto por 4 (quatro) ventiladores, cadeiras plásticas com braço, quadro para giz e quadro branco, suporte para televisão (gradeado) e mesa com cadeira para o professor. Esta sala em especial, necessita de reparos físicos, como evidenciam as imagens a seguir:



Figura 06: foto da Turma 7ª série (8º ano).



Figura 07: telhado da sala 7ª série (8º ano).

Na sala da 8ª série (atual 9º ano), são 35 (trinta e cinco) alunos, 4 (quatro) ventiladores, cadeiras com mesas, cadeiras plásticas com braço e quadro branco. Essa sala precisa de menos reparos que a outra turma, apesar de ter uma metragem menor e maior número de estudantes. Nesta turma existe uma aluna com mobilidade reduzida, que faz uso de muletas para se locomover. A escola dispõe de estrutura para necessidades especiais, com banheiro adaptado.



Figura 08: foto da turma 8ª série (9º ano).

Os professores da escola usam como principal recurso nas aulas o livro didático, sendo o adotado pela escola o “Projeto Araribá: História”, da Editora Moderna, ano de 2010. Esse livro é o instrumento pedagógico de todo o ensino fundamental. Obra em 4 volumes para os alunos de 6º ao 9º ano, indicados pelo Ministério da Educação (MEC). Os recursos auxiliares da escola, como os audiovisuais estão com defeitos, apenas uma televisão funciona, tornando inviável algumas variações. Para a exposição de conteúdos de imagens e vídeos usamos recursos pessoais. A escola não dispõe de laboratório de informática.

A principal dificuldade para execução do projeto foi encontrar disponibilidade nas escolas municipais em São Luís, pois no ano de 2012, muitas escolas apresentavam risco estruturais, como a escola Unidade de Educação Básica Alberto Pinheiro, no centro de São Luís, houve transferência dos alunos da unidade para outro local, também, escolas que passaram por greves e estavam com conteúdo atrasado, resistindo em ceder horários para execução do projeto. Porém, após visita em várias unidades, conseguimos por fim, a aplicação do projeto de forma bem sucedida.

2 A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM ALCÂNTARA (MA) E SUA RELAÇÃO COM O MEDIEVO

2.1 A Cidade de Alcântara - MA

Nasceu da aldeia dos índios Tupinambás, Alcântara é um município da Região Metropolitana de São Luís, no estado do Maranhão, Brasil. Não se pode precisar a fundação de Alcântara, mas o certo é que em 1612 já havia um aglomerado de aldeias das quais ela fazia parte com o nome significativo de Tapuitapera (terra dos índios). Segundo dados do IBGE, sua população estimada em 2014 era de 21.652 habitantes. Possui uma área de 1457,96 quilômetros quadrados.

Os primeiros a visitá-la foram os franceses, quando da tentativa da implantação da França equinocial no Maranhão. Os franceses estabeleceram-se no início do século XVII, sendo, posteriormente, expulsos pelos portugueses. A povoação foi elevada a vila de Santo António de Alcântara em 1648, tendo sido sede da Capitania de Cumã.

Durante o período colonial, foi um importante centro agrícola e comercial. No século XIX, a cidade entrou num período de decadência, permanecendo como testemunho do seu período áureo o acervo arquitetônico de seu Centro Histórico. Tombado pelo IPHAN em 1948, Alcântara recebeu o título de Cidade Monumento Nacional, pelo seu conjunto arquitetônico e urbanístico, pois mantinha preservada suas características urbanas e arquitetônicas do século XVIII. Alcântara, pequena cidade cercada de praias e ilhas desertas pela proximidade com São Luís atraiu aristocratas rurais do Maranhão que ali edificaram sobrados na década de 1850.

Para se chegar a Alcântara há que se atravessar a grande Baía de São Marcos, em viagem que demora aproximadamente uma hora e meia de barco, assim como por embarcações menores, como lanchas e catamarãs que saem do Cais da Praia Grande, no Centro de São Luís. O acesso à cidade também pode ser feito por sistema de ferry-boats, que ligam a cidade de São Luís até o porto do Cajupe, para chegar ao centro de Alcântara, precisa ainda fazer traslado de carro por cerca de uma hora.

Na zona rural de Alcântara, tem o centro espacial no qual são enviados os veículos lançadores de satélites no âmbito da Missão espacial brasileira, o CLA - Centro de Lançamento de Alcântara. Na América Latina, o CLA é o único concorrente do Centro Espacial de Kourou situado na Guiana Francesa, mas, ao contrário deste, o

centro espacial brasileiro não opera lançamentos constantes em razão de atrasos logísticos e tecnológicos e recursos limitados.

Durante muitos anos relegada ao abandono, e após abrigar criminosos, como presídio do Estado, esta agora destinada a sediar uma base de lançamento de foguetes espaciais. Suprema ironia da sorte, a mais nova avançada tecnologia implantada na vetusta Tapuitapera (LIMA, 1988, p. 19).

Mesmo com a instalação do CLA, Alcântara seguiu certa estagnação econômica, mesmo assim, não abandonou suas tradições, prova disso é a festa do Divino Espírito Santo, ritual imponente e de alto custo, são aproximadamente 15 dias de festa durante a qual são oferecidos, almoços, doações, festas, licores e doces. Bastante difundida no Estado, essa Festa é o evento que mais gera movimento, social, econômico, logo, tornou-se a principal característica da cidade, transformando-a inclusive em objeto de estudo.

2.2 A origem da festa do Divino Espírito Santo

A Festa do Divino Espírito Santo remonta às celebrações religiosas realizadas em Portugal a partir do século XIV. Segundo os relatos, D. Isabel fez construir um templo, em 1325, na vila de Alenquer, em Portugal, em honra ao Divino, instituindo assim, a festa do Império do Espírito Santo.

Entre estudiosos existe uma versão de que, embora a Rainha D. Isabel seja reconhecida como instituidora da festa do Divino, ela teria, de fato, sido uma continuadora e reformadora do culto ao Divino (BARBOSA, 2002, p 35). E, nesta via interpretativa, o instituidor do culto ao Divino Espírito Santo é o monge cisterciense Joaquim de Fiori que viveu de 1135 a 1202. A ele é atribuído à difusão de idéias que originou o franciscanismo, na defesa de uma igreja mais ligada aos pobres.

Segundo registros históricos, o monge Fiori, depois de longos anos de retiro no deserto, teve uma revelação acerca da vinda próxima de uma nova era de relações entre os homens sobre a Terra: a época do Espírito Santo. Nesta sua visão profética, Fiori sustentava uma compreensão dos tempos divididos em “eras” a partir do modelo da Trindade. Nesta lógica, a humanidade teria já ultrapassado a “época do Pai” e estaria

terminando a “era do Filho”. E, assim, estaria para chegar a “era do Espírito Santo”, marcada pelo advento da paz, do amor, da bondade entre os homens do mundo.

Joaquim de Fiori procurou difundir essas suas idéias e, sobretudo, essa sua revelação, sendo então, perseguido e conquistado muito adeptos que, também, sofreram castigos e perseguições. Com a colonização do Brasil, presume-se que inúmeros adeptos da nova crença migraram para as terras brasileiras, aí difundindo o culto ao Divino Espírito Santo. “O fruto do Espírito é a caridade, a alegria, a paz, a benignidade, a mansidão a fidelidade, a modéstia, a continência, a castidade” (Gálatas 5:22-23).

No século XVI o Culto ao Divino Espírito Santo chegou ao Brasil, trazido pelos colonizadores, difundido como um ritual do catolicismo popular, aqui compreendido como um espaço religioso, no qual se encontram práticas de diferentes origens e variados significados, atribuídos por seus devotos:

No Brasil, a Igreja Católica não seguia a risca as orientações determinadas pela Igreja na Europa. São inúmeros os registros e relatos históricos de festividades religiosas onde a expansão e a demonstração da fé se faziam acompanhar pelo lúdico. (ARAÚJO, 1962, p. 83)

Ao tratar do cunho cultural como herança medieval destacamos a Festa do Divino Espírito Santo na Cidade de Alcântara - MA, onde as tradições são mantidas e passadas de geração a geração.

No Estado, a manifestação cultural se estabeleceu por ocasião da chegada de imigrantes açorianos no século XVII. A festa de devoção ao Divino Espírito Santo realiza-se todo ano, da quinta-feira de Ascensão ao domingo de Pentecostes - datas móveis do mês de maio, e logo se transformou em um dos maiores festejos do catolicismo popular no Estado.

No Maranhão, a consagração se perpetuou com a incorporação de tradições praticadas pelos africanos, sincretizando rituais de coroamentos, inspirados nas práticas monárquicas portuguesas, somadas aos instrumentos de percussão africanos (as caixas usadas pelas caixeiras). Apesar disso, em Alcântara, a festa é de forte orientação católica, pelo rito começar e terminar dentro da igreja:



Figura 09: Missa ao Divino na Igreja do Carmo, maio de 2011. Fotos da autora.

2.3 Características da Festa do Divino em Alcântara – MA

A festa é realizada tradicionalmente no mês de maio, com encerramento no domingo de Pentecostes. Mistura lendas, história e religiosidade. LIMA (1988, p.21) narra à tradição popular alcantareense a partir do mito da visita do imperador D. Pedro II. De acordo com esse mito, a festa do divino em Alcântara surgiu a partir do seguinte acontecimento: O imperador D. Pedro II anunciou uma ilustre visita a cidade. A sociedade então não somou esforços ao disputar com a construção de palacetes opulentos, para hospedar o Imperador. Em função disso, cada qual buscou esmerar-se em enfeitar sua casa com o maior requinte possível para merecer a estadia da corte real.

Para decepção de todos, a visita nunca aconteceu. As construções foram abandonadas e suas ruínas ainda se sustentam nas ruas da cidade. A população revoltada escolheu cidadãos comuns para representar o império e sua comitiva, dando assim, o início das festas.



Figura 10: Ruínas do casarão do Barão de Pindaré. **Foto:** Prefeitura de Alcântara.

O processo dura em média 15 dias, em Alcântara são 13 dias, tempo para realização de diversos rituais, como procissões, levantamento do mastro, louvores, banquetes e missas. A festa divide-se em duas fases, a da preparação e a de realização.

Os preparativos para a festa do Divino começam muitos meses antes da festa propriamente dita e mobilizam muita gente. Tudo começa com as reuniões preparatórias nas quais a dona da festa se encontra com os festeiros, isto é, com todas as pessoas que dividirão a responsabilidade pela festa, A organização dos eventos é de responsabilidade de um grupo chamado de *corte do Império*, formado por adultos, que são representados nos altares festivos e procissões por crianças, nas funções de Imperador ou Imperatriz. A cada ano um deles se reveza no papel principal, como mordomos régios, mestre-sala e vassalos.

Na festa do Divino [...] o império é representado por cinco a dez ou mais crianças, na faixa etária entre 4 a 14 anos, vestidas com roupas de época, usando trajes da corte de imperadores e mordomos, com seus respectivos símbolos, como coroa, tiaras, cetro e outros. São saudados como nobres e sentam-se em tronos ou tribunas. (FERRETI, 2005, p. 3)

A corte se veste com luxuosos trajes, a exemplo do que era o figurino imperial. Faz assim alusão sobre o que seria a visita que Dom Pedro II faria à cidade ainda no século XIX, quando Alcântara era uma das mais ricas cidades do país, graças à produção dos engenhos de cana-de-açúcar e também do algodão.



Figura 11: Indumentária imperial. **Foto:** Felipe Soeiro



Figura 12: Corte imperial na casa do Divino. **Fotos:** Felipe Soeiro. Maio/2019

Toda a festa do Divino gira em torno de um grupo de crianças, chamado império ou reinado. Essas crianças são vestidas com trajes de nobres, de época e são tratadas como tais durante os dias da festa, com todas as regalias. O império se estrutura de acordo com uma hierarquia no topo da qual estão o imperador e a imperatriz.

Na abertura da tribuna, a dona da festa canta e as caixeiras repetem versos falando da descida do Espírito Santo a terra. Eis alguns dos versos cantados pela dona da festa:

Meu Divino Espírito Santo
Vem cansado de voar
Ele parou na porta
Na porta do tribunal

Vem chegando Espírito Santo
Voando daquela altura Entrando no tribunal
Para abrir sua tribuna

Divino veio do céu
Voando sobre a floresta
Senhora caixeira-régia
Estou lhe entregando a festa

(Autor desconhecido)

Esses primeiros versos são respondidos apenas pela caixeira-régia, que a partir desse momento recebe a função de comandar todo o restante do ritual, junto com as demais caixeiras.

O louvor ao Divino exalta o poder do imperador como agente de Deus na terra. O cortejo do império traz alegria e farta distribuição de comida e bebida, com vários bailados e queima de fogos. Esta Festa também é realizada em outros estados, mas adquire contornos próprios no Maranhão, e, em especial, em Alcântara.

2.4 Etapas da Festa do Divino em Alcântara

A festa do Divino compõe um roteiro praticamente imutável. Sobre os desdobramentos que compõem o ritual do festejo, Pereira (2007, p. 31) detalha as etapas mais comuns, que são as seguintes:

1 – ABERTURA DA TRIBUNA – Esta é a primeira grande etapa da festa do Divino, a abertura da tribuna consiste em trazer para o salão principal da casa, ao som do toque das caixas, a pomba que representa o Espírito Santo, a coroa do Espírito Santo (chamada de santa croa), a bandeira real e as demais bandeirinhas. A abertura da tribuna significa o momento em que, para os devotos, se abre o canal de comunicação com o Espírito Santo. A missa e a cerimônia dos impérios são o coração da festa do Divino.

2 - BUSCAMENTO E LEVANTAMENTO DO MASTRO – indica o início da festa. O mastro é um dos principais símbolos da festa do Divino. Trata-se de um tronco de árvore liso, sem galhos, que geralmente mede de 6 a 7 metros de altura em cuja ponta é colocado o mastaréu (pequena bandeira de madeira com um pombo pintado no centro). Pouco antes de ser levantado, o mastro é batizado pelos padrinhos. O mastro também é utilizado como elemento de demarcação e localização da festa. Depois de o mastro ter sido levantado, as caixeiras recomeçam seus cânticos falando da satisfação de ver o mastro de pé.



Figura 13: Carregamento do mastro a caminho do local onde será levantado.⁴

⁴ Em cima do mastro são carregadas crianças, como tradição para que essas futuras gerações sigam dando continuidade ao festejo.

3 - VISITA DOS IMPÉRIOS – Durante a semana principal da festa, entre o levantamento do mastro e o domingo da missa, o Espírito Santo sai em cortejo para visitar as crianças que formam o império. O cortejo é formado pelas outras crianças do império, caixeiras, bandeireiro, festeiros e pessoas amigas. A criança que está sendo visitada espera o cortejo em sua casa junto com seus familiares e convidados e costuma oferecer um lanche com doces, salgadinhos e refrigerantes. As caixeiras tocam na porta, cantam e dançam no interior da casa.



Figuras 14 e 15: Altar e visita da corte imperial a casa de um festeiro. **Fotos:** Felipe Soeiro.

4 – FESTA GRANDE – é considerado o ponto alto da festa, uma vez que todas as vestimentas e preparativos mais luxuosos são exibidos neste dia. Geralmente realizada num domingo a festa grande ocorre ao longo de todo o dia.

5 – DERRUBAMENTO DO MASTRO – sinaliza o encerramento da festa naquele período. Na hora do derrubamento, alguns homens ficam responsáveis por cavar o buraco onde o mastro está levantado e outros começam a amarrar cordas para ajudar na derrubada. Quando o buraco já se encontra bem fundo (aproximadamente um metro e meio), inicia-se a derrubada. Os homens vão descendo o mastro com todo cuidado com a ajuda de cordas e tesouras, enquanto as caixeiras tocam cantam versos que lamentam a derrubada:

Se eu pudesse, Oliveira,
Tu não ias para o chão
Mas tu vais ficar guardado
Dentro do meu coração
(Autor desconhecido)

Quando o mastro já está no chão, todos batem palmas e se dirigem para dentro do salão da festa. Reza-se uma ladainha, todos jantam e em seguida as caixeiras levam as crianças do império de volta para o salão onde a caixeira-régia começará a realizar o repasse das posses reais.

6 – FECHAMENTO DA TRIBUNA – encerra a festa e ao mesmo tempo aponta para o início da festa do ano seguinte em função das alterações dos personagens e entrada de novos integrantes ao grupo. O fechamento da tribuna é a cerimônia que encerra a parte solene da festa, quando se canta para guardar as caixas e as bandeiras e para recolher a santa croa e a pomba do Divino no altar.

7 – CARIMBÓ DAS CAIXEIRAS – é um momento marcante do ritual, por ser marcado por grande descontração entre os participantes, presença de bebidas alcoólicas e músicas de teor lascivo, carregadas de duplo sentido. Embora também seja considerado parte da festa, o carimbó de caixeiras não tem o mesmo caráter de obrigação religiosa e é na verdade um dia de divertimento, onde os festeiros oferecem bebidas e comidas para as caixeiras e todas as pessoas que ajudaram no festejo, em

agradecimento pela ajuda dispensada no ciclo da festa. É uma espécie de lava-pratos, onde é distribuído tudo que sobrou da festa.

Quando está acabando a Festa do Divino, outra Festa do Divino está começando. E apesar de todas as dificuldades, principalmente financeiras, resiste às modificações com empenho para que as tradições sigam continuidade.

2.5 As Caixeiras do Divino

Entre os elementos mais significativos da festa do Divino Espírito Santo podemos destacar a figura das caixeiras. Caixeiras são mulheres sacerdotisas que há muitas gerações conduzem os rituais festivos para o Divino Espírito Santo. Estas senhoras cantam e tocam caixas acompanhando todas as etapas da cerimônia, independente do horário. As caixeiras do Divino expressam nas cantigas cada uma das fases da festa, possibilitando assim, usar de improvisos e rimas, conforme a dinâmica do momento.

Meu Divino Espírito Santo
Eu já vim no seu chamado
Na vossa salva encontrei
Cravo branco desfolhado

Que o pombo é aquele
Que a lua cobriu de véu
É Divino Espírito Santo
Que vem descendo do céu.

(Autor desconhecido)

Seus cânticos sempre evocam a proteção ao Divino. Isso deixa evidente o papel das caixeiras numa das mais expressivas festas do calendário cultural e religioso do Maranhão. Apesar da responsabilidade atribuída às caixeiras na festa do Divino, a remuneração recebida por elas é bastante limitada ou inexistente. Ser caixeira é um compromisso religioso e está ligado à devoção ao Espírito Santo, por isso não se deve esperar nenhum retorno financeiro nem benefícios materiais. Isso não modifica em nada o senso de responsabilidade e compromisso das caixeiras para com a festa; pelo contrário, evidencia ainda mais a dedicação e a fé que elas depositam no Espírito Santo.



Figura 16: Dança das caixeiras frente ao Altar na casa do Divino **Foto:** Governo do Estado

A caixa do Divino é um tambor em forma de cilindro, com duas peles, uma em cada ponta, afinadas por cordas laterais presas a dois aros de madeira e tocadas com duas baquetas de madeira, a caixa do Divino é sustentada por tiras de pano quando as caixeiras se movimentam. Os materiais usados para sua confecção podem variar bastante. As caixas são geralmente pintadas em cores vivas e podem ser decoradas com desenhos, representando os símbolos do Divino, como por exemplo, a pomba.



Figura 17: Cortejo das Caixeiras pelas ruas de Alcântara em maio de 2012. **Foto:** jornal O Imparcial

Uma das principais causas de conflito no universo das caixeiras do Divino diz respeito à hierarquia. Como a autoridade máxima de um grupo de caixeiras é a caixeira-régia, ela jamais admite que outra caixeira puxe um cântico antes dela sem que lhe seja dada permissão. Desrespeitar a hierarquia significa causar sérios problemas para o grupo.

Cada grupo de caixeiras possui uma caixeira-régia, que deve conhecer em profundidade todas etapas e detalhes da festa, pois é ela quem comanda as outras caixeiras e tem plenos poderes sobre tudo que acontece no salão. Não é fácil alcançar o grau de caixeira-régia. Muitas senhoras chegam a frequentar festas do Divino por mais de trinta anos mas não conseguem ou não querem alcançar este posto. A caixeira-régia é ajudada diretamente pela caixeira-mor, que poderá substituí-la caso não esteja presente. (PEREIRA, 2007, p. 31)

O toque das caixas é uma prática socialmente reconhecida no estado do Maranhão com incentivo ao aprendizado, às trocas, às viagens para tocar e à formação de grupos. São elas, as caixeiras, que conduzem os complexos rituais religiosos dos cultos festivos. Elemento constituidor da Festa do Divino no Maranhão, as Caixeiras formam um grupo restrito com código próprio de conduta e de exigências do conhecimento, difundido, respeitado, e transmitido de geração em geração. Assim, a sabedoria em tocar caixas e entoar cânticos, repetidos, decorados ou improvisados, se remete, ora ao resgate de uma herança histórico-cultural, ora à preocupação presente de preservação da sociabilidade do grupo, bem como de sua identidade cultural.

As caixeiras são quase sempre lavadeiras, que pouco trabalham pelo ofício, visto como as funções do Divino só lhes deixam livres três meses no ano. Geralmente idosas, causam admiração à resistência delas a fadiga, nas longas caminhadas e constantes vigílias da festa. (LIMA, 1988, p. 23)

As caixeiras de Alcântara são em sua maioria, oriundas de quilombos. Elas formam um grupo restrito com regras próprias para inclusão de novas participantes. Para inserir-se nesse congregado de caixeiras, é necessário atender a um “código de conduta” ou mostrar conhecimentos específicos do toque de caixas. São as caixeiras as

grandes responsáveis pela construção da base material para a realização da Festa do Divino em Alcântara (IPHAN, 2009).

As caixeiras também são responsáveis pelo diferencial da festa em Alcântara e demais localidades. A manifestação é unicamente católica na cidade, o que a diferencia das demais práticas do toque de caixas no restante do país, que estão sempre ligados aos Terreiros de Mina, como em São Luís, por exemplo. Esse é um ponto muito importante para ser explicado em sala de aula. Pois a maioria das pessoas que não conhecem sobre os desdobramentos e peculiaridades da festa, e das caixeiras, geralmente associam de forma pejorativa à macumba.

O Estado de Maranhão é rico em tradições, a cidade monumento de Alcântara é mundialmente conhecida por seu conjunto arquitetônico, passado imperial e por seu patrimônio imaterial. O festejo do Divino Espírito Santo no Estado é um expoente em tradição e atrativo turístico e na cidade de Alcântara a festa assume novos contornos, trazendo consigo um legado cultural singular por todas as especificidades perante a manifestação no restante do país, singularidade esta representada pelas caixeiras do Divino, conforme já explicado.

3 O ENSINO DE HISTÓRIA E AS REMINISCÊNCIAS DO MEDIEVO: a festa do Divino de Alcântara

3.1 A Idade Média na sala de aula aliado as reminiscências da festa do Divino de Alcântara

História é uma disciplina que analisa o passado para entendermos o presente, tem a função de refletir criticamente sobre os acontecimentos e os desdobramentos dos mesmos. Partes desses conhecimentos são obtidos por meio de estudos aprofundados dos eventos, por isso faz-se necessário o uso de ferramentas que facilitem a obtenção desses conteúdos.

O elemento seguinte se faz através da análise crítica desses fatos, e entendemos ser esta a prática necessária de se estimular em sala de aula, um olhar analítico para fatos expostos, que muitas vezes se prendem a máxima das questões de causa e efeitos ou, sua cronologia. (KARNAL, 2013, p.8) diz que “escolher o fato que queremos destacar e como trabalharemos a memória é uma atividade de todos, que o historiador tenta tornar consciente e crítica. O fazer histórico é mutável no tempo, seu exercício pedagógico também o é”.

Diversos educadores têm debatido a respeito dos caminhos do ensinar, e esta pesquisa visa contribuir com essa reflexão através do contato efetivo entre os alunos da graduação e os alunos da comunidade escolar. Promovendo assim, interação entre as pesquisas desenvolvidas na academia sobre os estudos relacionados à Idade Média e suas continuações, como exemplo: a Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara-MA e a introdução desses conteúdos nas escolas públicas para promover assim, reflexões e análises críticas sobre o período em destaque a partir das séries iniciais do ensino fundamental.

Entendemos que esta ação possibilite tornar o discente parte integrante do processo de construção do conhecimento, que o torne um sujeito reflexivo, consciente da sua importância social e de seus antepassados, e não apenas um aluno codificado por um número no diário de chamada, que deve decorar fatos e datas importantes quando se pensar na disciplina em questão, pois, sem uma reflexão crítica sobre a mudança contínua e as permanências necessárias, as atividades na relação professor-aluno tornam-se desafiadoras com o passar dos tempos, mais que isso, fadadas à repetição.

Cada estudante precisa se perceber, de fato, como sujeito histórico, e isso só se consegue quando ele se da conta dos esforços que nossos antepassados fizeram para chegarmos ao estágio civilizatório no qual nos encontramos. (PINSKY, 2004, p.21)

Partindo de tal pressuposto, usamos o recorte das manifestações culturais (festa do Divino Espírito Santo em Alcântara-MA) para trazer novas possibilidades de estudos sobre a Idade Média. Logo, uma alternativa de inserir tal herança em sala de aula, seria os caminhos do educar combinar o ensino tradicional em sua ordem cronológica, pois esta ainda é necessária para o sistema de vestibulares e afins, porém, incluindo um ensino interdisciplinar, temático, e reflexivo, para evidenciar o quão contemporâneo se fazem essas ramificações medievais.

Segundo tradução do dicionário Aurélio, a palavra reminiscência, é um conceito que se pode associar a evocações, memórias ou recordações. Uma reminiscência é a representação mental de uma situação, um feito ou outra coisa que teve lugar no passado. Outra possibilidade é entender a reminiscência como uma influência que perdura através do tempo. Franco Júnior (2006, p. 168), aponta sobre a herança medieval no Brasil, que dispõe de muitos elementos que continuam presentes em nosso meio.

A colonização portuguesa introduziu práticas que foram aqui aplicadas (como a festa do Divino Espírito Santo), inaugurando o clima de arcaísmo que marca muitos séculos e muitos aspectos da história brasileira. Tal análise soma para a explanação do projeto e exemplificação em sala. O professor deve buscar no cotidiano das aulas, mecanismos para ensinar a história da forma mais atrativa possível. Pensando na necessidade de aproximação da História desenvolvida no meio acadêmico com o meio escolar:

A sugestão não é a de abolir o ensino cronológico, sabendo das exigências escolares referentes ao conteúdo de concursos como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e o vestibular, mas ocasionalmente quando estivermos trabalhando com a Idade Média e outros períodos, incluímos ali temas relacionados à atualidade para discutir, contribuindo para despertar a curiosidade dos alunos” (ZIERER, 2009, p.15)

Existe certa carência na variação de materiais didáticos na abordagem da disciplina História, sobretudo na temática da Idade Média, como conceitos que devem ser revisados, por isso, o contato da academia com a comunidade escolar tem por objetivo a elaboração de materiais didáticos que auxiliam professores e alunos, ressaltando especialmente o que vem sendo debatido sobre Idade Média na Universidade, como suas permanências na atualidade, possibilitando dessa maneira, uma troca muito importante e necessária para ambos.

3.2 O ensino de História da Idade Média em sala de aula

Os estudos da Idade Média se referem a um período da história da Europa entre os séculos V e XV, que se iniciam com a Queda do Império Romano do Ocidente e termina durante a transição para a Idade Moderna. Foi um tempo em que os europeus viveram, em sua maioria no campo, tinham uma sociedade hierarquizada, marcada pela fé em Deus e pelo controle ideológico da Igreja Católica. O poder político era descentralizado, isto é, estava nas mãos de inúmeros senhores da terra, os chamados senhores feudais.

Muitos estudiosos costumam dividir a história da sociedade feudal em dois momentos: a Alta Idade Média e a baixa Idade Média. O primeiro momento, entre o século V e o IX, é o de consolidação do mundo feudal, quando se formam os reinos e se cristaliza a organização social. No momento seguinte, entre os séculos X e XV, a sociedade feudal começa a dar sinais de mudanças, com o fortalecimento das cidades e do comércio.

No livro *O mito da Idade Média*, a historiadora francesa Régine Pernoud procura desfazer uma série de mal entendidos, preconceitos, juízos apressados e lugares comuns relativos aos mil anos de História europeia, situados entre os séculos V e XV. Isso não quer dizer que os estereótipos relacionados com a Idade Média desapareceram.

Por isso, qual o papel da escola, e da História na difusão de conhecimentos relativos ao período? Antes, caberia perguntar qual Idade Média vem a ser trabalhada nos bancos escolares e qual a pertinência de seu ensino num país como o Brasil, que não participou diretamente de uma experiência histórica propriamente medieval?

Essa foi sem dúvida, uma das inquietações que regeram a importância desta pesquisa. Pois apesar de todo avanço relacionado à historiografia do período em

questão, as barreiras que beiram o preconceito existem, por tanto, esclarecer e difundir correções, é um trabalho que deve ser feito com insistência, logo, o papel do professor se faz de maneira fundamental nesse processo. Tratar sobre as heranças do medievo, como a Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara-MA, e outras permanências que fazem parte do nosso cotidiano, já é uma metodologia que traz reflexões sobre a continuidade dos resquícios medievais no Brasil.

Podemos pontuar muitos elementos que continuam presentes em nossos traços essenciais. Franco Junior (2006), cita alguns exemplos, como no plano cultural, a literatura de cordel, cujo espírito, temática, transmissão e recepção essencialmente orais prolongam a poesia europeia da Idade Média no Brasil. Ainda, o calendário brasileiro atual, que tem 16 feriados oficiais, dos quais grande maioria destes feriados tem origem na religiosidade do medievo, a exemplo: o feriado de *Corpus Christi*, que remonta ao século XIII. Festas como o Carnaval, Bumba meu Boi, Procissão do Círio e a Festa do Divino Espírito Santo, tem inegáveis raízes medievais.

O universo medieval pode ser retratado também por meio da iconografia, quer dizer, das imagens de pinturas e esculturas, da arquitetura. Essas obras, além de serem belas, tinham uma função didática, retratavam o cotidiano medieval, como relatos, a exemplo: a *Visão de Túndalo*, a Igreja Católica divulgava modelos de comportamento ideais, conforme os seus valores, para os fiéis alcançarem a salvação eterna no Paraíso Celestial.

Por isso, é fundamental pontuar nas aulas de história, que nós brasileiros somos reflexo de um passado colonial. E este nosso passado está relacionado aos portugueses, e esses que viveram na Idade Média trouxeram diversas heranças culturais daquele período, que ainda são presentes na nossa cultura através de festas, tradições, culinária e religiosidade.

No Maranhão especificamente, temos uma forte presença do medievo nas festividades religiosas. Como exemplo disso, a Festa do Divino Espírito Santo, que tem origem numa festa medieval, iniciada pela rainha D. Isabel, esposa de D. Dinis, em Portugal, que homenageia o Espírito Santo.

Nesse cenário, o professor pode desenvolver atividades na escola, principalmente através de aulas dialogadas, trabalhando o lúdico com os alunos, levando-os a transcendência do seu olhar sobre um período tão distante. Isto leva a uma

aproximação entre o conteúdo de História Medieval através de aspectos culturais (por exemplo) no Maranhão, a Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara, auxiliando os alunos do ensino básico a terem uma visão mais reflexiva e problematizadora da História:

Mantem-se a opção pela exposição cronológica dos eventos históricos consagrados pela historiografia, mas agora intercalada por exercícios estratégicos que levam o aluno a perceber meandros da construção do conhecimento histórico, instados a envolver-se nas problemáticas comuns ao presente e ao passado estudado e encorajados a assumir atitudes que levam ao posicionamento como cidadãos conscientes e críticos, com autonomia intelectual (BEZERRA, 2013, p 40)

Na perspectiva aberta pelos parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para a área de História, pouco espaço está reservado ao tratamento cronológico dos eventos situados entre os séculos V e XV da História europeia. Entretanto, embora ausente na listagem de conteúdos do terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental, certas questões relativas à Idade Média podem vir a ser exploradas em sala de aula, como é o caso da já citada Festa do Divino no Maranhão.

3.3 A metodologia da História Oral em sala de aula

Herdamos da Idade Média o gosto por ouvir boas histórias, narrativas e canções. Aquele foi o tempo da oralidade, dos costumes transmitidos e preservados de geração em geração.

A História Oral permite através da fala e da escuta, o registro de histórias narradas. Possibilita entrar em contato com a memória coletiva do passado e a cultura do presente, por meio de relatos de quem testemunhou e viveu experiências que merecem ser contadas. A História Oral reforça laços entre pessoas, gerações, comunidades e tempos. Por isso, se tratando de uma manifestação cultural, como a nossa, a Festa do Divino, a aplicação dessa técnica se faz imprescindível, para transformar informações em conhecimentos.

Seja por seu papel valioso como fonte e como processo de construção de conhecimento, seja pela riqueza inerente a experiência de ouvir e de registrar histórias,

inclusive dos próprios alunos, a prática da História Oral pode ser transposta para o ambiente educacional de maneira promissora e instigante:

Sob variadas formas, ela pode ser utilizada em sala de aula como instrumento pedagógico interdisciplinar, que permite a estudantes e professores aprenderem com relatos oferecidos em primeira mão, com testemunhos originais que reforçam os sentimentos de pertencimento, integração e responsabilidade histórica (SANTHIAGO, 2015, p.7)

Logo, a História Oral como ferramenta de ensino, ajuda a diversificar caminhos em direção ao conhecimento, porque valoriza a autonomia do aluno e proporciona um aprendizado participativo. Ela permite que o aluno não seja apenas um receptáculo de dados, e que passe para a condição de sujeito ativo, criativo, do conhecimento.

Ao produzir fontes de informações e consolidar conhecimentos, o interesse dos estudantes pelo objeto de aprendizagem, tende a aumentar. Nessa perspectiva, o projeto em questão buscou explorar toda diversidade de informações que os alunos já conheciam sobre o rito, a Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara – MA, filtrando o que de fato era verdadeiro e o que eram informações baseadas em achismos.

Também foi muito importante o uso da História Oral vivida e narrada por ribeirinhos da cidade de Alcântara:

Várias são as versões sobre o início da Festa do Divino Espírito Santo no Maranhão, não sendo diferente nos primeiros contatos realizados para colher declarações sobre o festejo como uma herança medieval. Em entrevista durante a festa em 2012, ao dialogar com o Senhor Francisco G. De Assis S. Ferreira (43 anos, comerciante da região), o mesmo discorre ao carregar o mastro (o levantamento do mastro indica o início da festa), que, “isto, (levar as crianças sobre o mastro) serve para enfeitar o mastro e garantir que as tradições sejam perpetuadas por essas novas gerações”. Garante perceber a herança medieval ao ponderar que: “tudo é tradição da época do Império Português”.

Já em conversa com a Mordoma Domingas dos Ramos Chagas (59 anos, dona de casa), na mesma ocasião em que pela primeira vez participou como mordoma do

Império, deixou claro que não tem consciência sobre qualquer herança medieval, mas conta da sua emoção em erguer um altar dedicado ao Divino. Ao perguntar o porquê da devoção, ela retruca: “O Divino é um santo milagroso, além da representação para a cidade, mostra a importância da sua tradição aos alcantarenses em cortejá-lo”. Esses entrevistados são, portanto os chamados de: testemunha ocular (os que presenciaram o fato narrado).

Através dessa análise, os alunos perceberam mais facilmente que eles mesmos podem fazer parte da construção de um conhecimento, compreendendo assim a sua importância como sujeitos críticos da sociedade em que vivem, e que as suas ações têm repercussão no tempo.

A aprendizagem é um conjunto de todos esses tipos de ensinamentos que proporcionam a transformação do comportamento humano. Não existe, portanto, uma forma mais correta do que a outra, todos os tipos são importantes, como a História Oral.

3.4 O papel do professor de História

Quanto mais o aluno sentir a História como algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, visto que esse é um dos principais potenciais que a disciplina oferece: a prática da inclusão. O professor é o elemento que estabelece esta intermediação.

Sabendo que o ensino é algo dinâmico e necessita de constante ajuste, o professor deve renovar suas abordagens de ensino, como a valorização de cada aluno e seu universo, estimular a oralidade, a reflexão sobre os conteúdos, produção e interpretação de textos e análise de documentos (imagens, textos, vídeos, mapas, acervos, pesquisas, etc.), tudo que possibilite ao aluno tornar-se parte do processo histórico.

Esses foram um dos pilares executados na aplicação da pesquisa, o desenvolvimento de técnicas para aproximar os alunos dos conteúdos referentes à Idade Média, através da reflexão de uma reminiscência cultural (Festa do Divino), além da utilização de recursos audiovisuais como metodologia complementar ao livro didático nas aulas, visando contribuir para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

O papel do professor consiste em dar dimensão e sentido ao conhecimento histórico, pois este é um meio para compreensão do mundo: as questões atuais, as

origens, as reflexões e questionamentos. Essa prática permitirá ao aluno um maior discernimento diante da sociedade e da sua própria existência. Na nossa experiência em sala, isso se deu na correção de informações errôneas a respeito da Idade Média (vista como período negativo da História).

Buscamos responder questões com os discentes, sobre: teriam sido extintas as heranças medievais no Brasil atual? Sabemos reconhecer os legados existentes no nosso meio? Esses legados são relevantes para a formação da nossa sociedade?

São alguns dos inúmeros questionamentos que um professor pode fazer a si mesmo e conseqüentemente aos seus alunos, levando cada um a transcender, a partir de simples perguntas, trazendo á tona uma importante reflexão para entendimento do que somos hoje.

Na execução do projeto, abordamos essas reflexões coletivas após a explanação de conteúdos sobre os assuntos em pauta. No primeiro momento, trabalhamos aulas expositivas com abordagem interativa. Utilizamos alguns recursos, como banners, vídeos, imagens da Festa do Divino em Alcântara, atividades inclusivas e por fim, produção textual dos próprios alunos.

Nos textos escritos os discentes expuseram o que entendiam antes do projeto sobre a Idade Média e da Festa ao Divino, e suas novas percepções pós-aula. Colocaram no texto as suas reflexões sobre o conteúdo aprendido, pontuando observações da importância e presença de tantas coisas que antes eles não faziam associação qualquer. Com isso, fixaram um novo olhar, uma nova perspectiva de reflexão, inclusive possibilitando ao aluno, se compreender como participantes do processo de aprendizagem.

A cada memória individual perceberam que essas heranças fazem parte de suas vidas, seja no simples ato de jogar um videogame com cenário medieval, seja por lembrar de filmes favoritos que também são narrados no contexto do medievo (ex: *Romeu e Julieta*). Como complemento, executamos outras atividades com os alunos, como jogos educacionais em sala de aula, trazendo movimento e uma disputa saudável entre eles, rompendo com o conceito de que a aula deve ser sempre nos moldes de professor no quadro e aluno na cadeira, bem como somente ter atividades usando de livros e provas.

3.5 A escola onde a temática foi aplicada e sua estrutura física

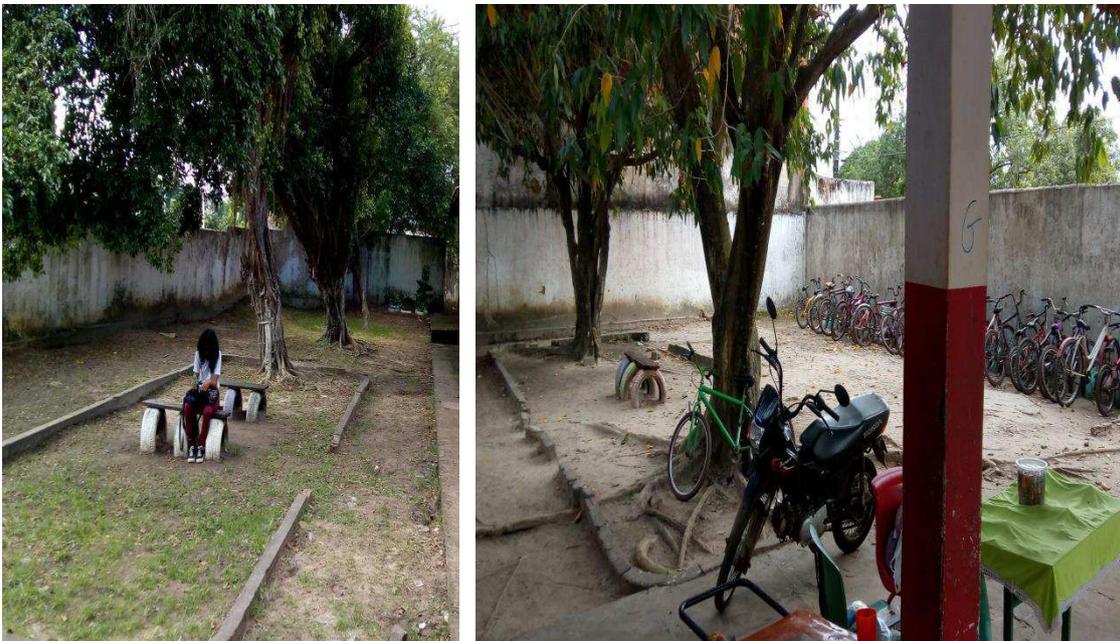
A escola Unidade de Educação Básica Professor Nascimento de Moraes, está localizada na unidade 105, rua 105, nº 1100, no bairro da Cidade Operária, São Luís - MA. A escola possui atualmente cerca de 908 alunos, divididos entre os anos iniciais e finais, educação de jovens e adultos e educação especial. Possui uma estrutura física de mediana a grande, composta por:

- 15 salas de aula;
- Sala de diretoria;
- Sala de secretaria;
- Sala de professores;
- Sala de recursos multifuncionais para atendimento educacional especializado;
- Quadra de esportes descoberta;
- Cozinha e Refeitório;
- Biblioteca pequena;
- Banheiros dentro do prédio;
- Banheiro adequado para alunos com mobilidade reduzida;
- Pátio coberto.

A escola necessitava de vários reparos físicos, pois muitos espaços estão com algum tipo de problema, a exemplo de uma das sala em que aplicamos o projeto. Necessita também, da substituição dos recursos audiovisuais, pois apesar de uma sala para com esta finalidade, o único recurso que funciona, é apenas uma televisão. A direção nos informou que aguardam a execução das melhorias por parte dos órgãos competentes.



Figura 18: Exterior da escola Professor Nascimento de Moraes. Foto da autora⁵



Figuras 19 e 20: Patio externo.

⁵ Todas as fotos da escola foram tiradas pela autora da pesquisa.



Figura 21: Pátio recreativo.



Figura 22: Área onde ficam as salas de aula



Figura 23: Quadra de esportes.



Figura 24: Refeitório.

A escola conta com um corpo docente capacitado para a formação de seus alunos, com uma média de 66 funcionários distribuídos nos três turnos, nas diversas funções necessárias para o desenvolvimento das atividades da escola.

3.6 A sala de aula e a festa do Divino como elo entre os acadêmicos e os alunos

No segundo ano do projeto de extensão, 2012, buscamos escolas para colocar em prática todo planejamento do ano anterior. Em contato com a direção escolar da Unidade de Educação Básica Professor Nascimento de Moraes, representada pela coordenadora pedagógica da escola, a senhora Adi Marli Costa e a professora de História Mary Jones Aquino, apresentamos o projeto em questão, com o pedido de execução do mesmo. A direção da escola prontamente acatou nosso pedido, e deixando para a professora acertar os pormenores para que o mesmo fosse desenvolvido com os alunos da escola.

A execução das atividades foi acertada da seguinte maneira: no final do primeiro semestre de 2012 seria desenvolvido na turma da 7ª série (atual 8º ano). Devido ao fato do tema Idade Média já ter sido ministrado aos alunos, combinamos pontuar as principais características apontadas no livro didático adotado pela escola. Já, no segundo semestre, desenvolver a pesquisa alunos da 8ª série (atual 9º ano), para avaliar a aprendizagem acerca do período medieval, ainda mais que estes retornariam ao tema na série seguinte, (primeiro ano do ensino médio).

O segundo passo se deu através da minha apresentação nas turmas (em seus respectivos semestres), explicando sucintamente o projeto e sua intenção, comunicando também que por algum tempo as aulas seriam observadas, a fim de perceber as particularidades na execução e recepção dos conteúdos, a relação professor - aluno, e possíveis outros fatores passíveis de influenciar o processo de ensino aprendizagem, como por exemplo, o uso de outros recursos além do livro didático.

Permaneci por duas semanas observando a realidade dos alunos nas aulas de História, a metodologia aplicada pela professora Mary Jones, a explanação dos conteúdos, verificando a participação do aluno na aula e a interação dos mesmos com o conteúdo aplicado. Saliento a evidência de como o professor ainda é a peça primordial do ensino, mesmo que hoje em dia, com a tecnologia acessível, qualquer conteúdo pode ser pesquisado facilmente, porém, o professor tem como particular a habilidade de operar como um filtro seletivo na estruturação do conhecimento.

Todas as aulas da professora titular foram explanadas de forma oral e com a utilização do livro didático, “Projeto Araribá: História”, da Editora Moderna, ano de 2014, (essa é uma obra coletiva para alunos de 6º ao 9º ano). A professora Mary Jones

citou em particular a vontade de usar recursos audiovisuais, pois possibilitaria ajudar no processo de ensino, diversificando as aulas e entretendo os alunos. *“Mas poucas escolas no município possuem essas ferramentas, e quando tem, geralmente 1 ou 2 para uma escola com 10 turmas, fica inviável.”* (Mary Jones, professora de História).



Figura 25: Observação da aula da professora regente.

O acompanhamento se fez de terça a sexta, no turno vespertino, entre as turmas previamente acertadas, 7ª série e 8ª série (atual 8º e 9º ano respectivamente).

Colhemos informações nas duas turmas sobre qual a importância da disciplina História, como a interpretavam, se necessária, reflexiva, ou decorativa, obsoleta. Questionamos quais as necessidades eles sentiam em uma aula da disciplina, seus anseios, o que facilitaria para eles na aprendizagem e em que poderíamos ajudar a tornar as expectativas em realidades. Essas indagações foram respondidas em sala de aula, na presença da professora titular.

Em clima descontraído, alguns alunos começaram a fazer suas colocações, entre os que gostavam da disciplina, que achavam interessante, que pensavam em se tornarem professores, e os que achavam a disciplina principalmente decorativa. Deram exemplos

em comparação a outras disciplinas, como português e matemática, alegando que precisavam aprender português pra falar e escrever bem, e da matemática, para fazer contas, comprar, vender. Já de História, só precisavam saber algumas coisas, como por exemplo, a data que o Brasil foi descoberto.

Sobre suas colocações de o que poderia ser diferente, alegaram de forma geral, que sentiam a falta do uso de outros atrativos, como filmes, (recursos audiovisual) e aulas fora da escola (aula de campo), como visitas a museus. Todas as colocações dos alunos foram ouvidas e debatidas. Após esse momento de apresentação e interatividade, pontuamos sobre o projeto que seria desenvolvido e pedi como atividade de casa, a leitura sobre textos referente à Idade Média.

E assim iniciei a execução do projeto nas turmas da 7ª série e 8ª série (atuais 8º e 9º ano), em seus respectivos semestres. Através de aulas expositivas, com textos complementares, realizei uma espécie de revisão do conteúdo já ensinado pela professora Mary Jones, ressaltando os principais conceitos e permanências do período medieval, entre estes: a concepção do cristianismo, o legado arquitetônico, as técnicas agrícolas, as relações sociais, além, de manifestações culturais e religiosas, como a conhecida festa do Divino Espírito Santo.

No segundo momento da aula, após as discussões sobre os conceitos já citados anteriormente, utilizei alguns recursos, como: *banner*, imagens e vídeos passadas no *notebook* e *datashow* (pessoal), sobre a festa do Divino Espírito Santo em Alcântara.

Nesse contexto, percebemos acentuada diferença da atenção dos alunos, com relação aos dois momentos aplicados: aula dialogada apenas com livro e texto complementar versus aula com recursos de multimídia. Esclarecemos aqui, que a utilização de recursos audiovisuais, não garantem a eficácia da aprendizagem. As formas de manuseios dos recursos mídia dependem do educador, que deve despertar o interesse do aluno pela disciplina e os conteúdos explorados e não pelo o objeto audiovisual em si. Porém, pelo modelo de aula na escola em questão ser sempre no mesmo padrão: professor, livro, alunos, despertou exacerbada curiosidade e atenção dos alunos.

Ao tratar da festa do Divino Espírito Santo em Alcântara como reminiscência da Idade Média, expliquei a origem de como essa manifestação foi trazida para o Brasil pelos portugueses no século XVI, nas quais a terceira pessoa da Santíssima Trindade era

festejada com banquetes coletivos oferecidos os pobres, com distribuição de comida e esmolos (essas praticas são mantidas na cidade de Alcântara). Destacamos sobre a Festa do Divino ser uma das manifestações religiosas mais antigas praticadas pelo catolicismo popular. Esclareci ainda que apesar do cunho religioso, o Divino Espírito Santo não é um santo ou padroeiro, mas sim, uma divindade, onde os devotos prestam culto ao Espírito Santo (terceira pessoa da Santíssima Trindade), para agradecer e festejar.

Uma particularidade deste festejo se pauta justamente nessa característica, pois embora seja marcada pelo viés religioso, com procissões, novenas e missas, a celebração do Divino tem um forte caráter folclórico e lúdico, com representações teatrais conservando ainda à risca aspectos do período colonial, bailes, bebidas e ampla participação popular. Os envolvidos no festejo se esforçam muito para produzir uma festa rica e luxuosa, com refeições fartas, decoração requintada e vestimentas para as crianças do *império*. Toda a festa do Divino gira em torno de um grupo de crianças, chamado *império* ou *reinado*. Essas crianças são vestidas com trajes de nobres e tratadas como tais durante os dias da festa, com todas as regalias.

Detalhei ainda sobre as etapas da festa; abertura da tribuna, busca e levantamento do mastro, visita dos impérios, missa e cerimônia dos impérios, derrubamento do mastro, repasse das posses reais, fechamento da tribuna e a participação das caixeiras. O festejo pode durar até quinze dias.

Todo esse detalhamento foi acompanhado de imagens correspondentes a cada fase da festa, e nesse meio tempo, os alunos que já tinham alguma informação sobre a festa do Divino, participavam com entusiasmo, fazendo assim da aula, um espaço de compartilhamentos onde os alunos desenvolviam novo olhar, nova análise sobre a Idade Média, identificando o quanto sua influencia ainda se faz presente.

Essas reflexões coletivas foram ressaltadas, repetidas, enfatizadas, na intenção de levar todos os alunos a pensar criticamente, entender como hoje somos frutos das extensões dos nossos antepassados, que existe uma continuidade, um legado que de alguma forma influenciam no contemporâneo que vivemos. Buscando assim, romper com o ensino de história que foca em datas, figuras políticas, que enfatizam apenas a cronologia dos fatos.

Ao final de toda explanação, aplicamos as atividades pré-estabelecidas aos alunos. Nessa execução, uma das atividades que mais despertou entusiasmo, foram às atividades relacionadas a jogos interativos entre os mesmos e as palavras cruzadas. Apesar da confecção dessas atividades, existia o receio de euforia entre os alunos, levando-os à dispersão da verdadeira proposta. No entanto, o desenvolvimento das atividades foram satisfatórios, com expressiva concentração dos alunos. Estes relataram que esse tipo de atividade era melhor por que era diferente do que eles faziam todos os dias, em todas as matérias. Deixando evidente o quanto é importante o uso de outras técnicas para obter a aprendizagem.

A última atividade desenvolvida em sala foi uma produção textual dos alunos. Todos redigiram uma redação pontuando suas considerações sobre o desenvolvimento do projeto, a interatividade, a metodologia aplicada, e claro, suas novas percepções sobre a Idade Média e seu legado na atualidade. Destacaram também sobre Festa do Divino, tratando sobre as coisas que já conheciam, e agora, apontando os destaques através de outra análise, a de continuidade das influências medievais no nosso dia a dia.

3.7 A recepção dos alunos

A prática desta pesquisa desencadeou benfeitorias para todos os envolvidos: alunos da graduação, professores e aos alunos da escola UEB Professor Nascimento de Moraes. Ao trabalhar sobre as reminiscências medievais no Maranhão, através da festa do Divino instruímos que, ensinar História está além da narração de acontecimentos importantes, pois a História analisa os processos históricos, personagens e fatos para poder compreender um determinado período, cultura ou civilização.

Após execução do projeto na escola, finalizada com produção textual, fizemos a leitura de todas as redações. Um dos textos uma aluna discorre que: *“Achei linda a Festa do Divino, já vi na televisão e minha avó me contou que já foi em Alcântara, mas eu não conhecia direito e nem sabia que era uma herança de um período tão antigo, da Idade Média.”* (Aluna da 7ª série – 8º ano).

Em outra redação um aluno afirma que: *“Hoje percebi que estudar História não é chato, nem que sempre tenho que saber uma data, tudo depende de como estudamos, e os exemplos que aprendemos hoje foi muito interessante, não esqueço mais.”* (Aluno da 8ª série – 9º ano).

Sendo assim, os resultados desta prática pedagógica foram satisfatórios, e segundo a opinião dos alunos e da professora regente, foi uma aula dinâmica que promoveu a interação entre os alunos e o conteúdo.

Conclui-se então, que é possível transformar as aulas de modo que os alunos possam compreender que a disciplina que eles julgavam não ser tão necessária como português e matemática, é a ciência que estuda o desenvolvimento do homem no tempo, ou seja, as nossas histórias hoje, de maneira individual ou coletiva, serão futuramente, um legado social, assim com os herdados sobre o período medieval.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História Antiga e Medieval resgata as nossas heranças culturais, daí a sua relevância. O indivíduo do presente está relacionado a uma longa linha de pensamento que começou na Antiguidade e prolonga -se aos dias atuais.

Segundo ZIERER (2017, p.17), existe ainda hoje muito preconceito com relação a esse período porque permanece arraigado no senso comum, a ideia de que a Antiguidade Greco-Romana trouxe a Democracia, o Direito, os grandes filósofos da humanidade, mas a Idade Média seria apenas um grande baú, que teria guardado o “conhecimento”. Na época do “Renascimento” o baú teria sido aberto e assim retomado tudo o que fora proposto na Antiguidade em relação ao “progresso” da civilização humana:

Essa ideia é muitas vezes corroborada dentro do próprio meio historiográfico, o que representa uma grande contradição para os próprios estudos da História. Se atualmente seguimos a linha dos grandes clássicos dos *Annales*, Marc Bloch e Lucien Febvre, que afirmavam ser o centro da História o estudo do homem no tempo, que a função da História é problematizar e que os homens estão em constante transformação, como é possível defender que a única função da Idade Média seria a de ser uma grande caixa, disposta a guardar de forma inviolável todo o saber da Antiguidade Clássica? Será que a Idade Média não produziu conhecimento? (ZIERER, 2017, p. 17)

Ainda, ponto muito difundido é que não devemos fazer pesquisas em Idade Média, mas sim abordar outros períodos porque não houve Idade Média no Brasil. Embora seja importantíssimo estudar a História do Brasil, é bom salientar que nós brasileiros também somos reflexo de um passado colonial (ZIERER, 2017; FRANCO JR., 2000). E este nosso passado está relacionado com os portugueses, esses sim que viveram na Idade Média e trouxeram consigo, heranças culturais daquele período ainda presentes na nossa cultura através de festas, tradições, culinária e religiosidade, a exemplo da Festa do Divino Espírito Santo no Maranhão.

Na cidade de Alcântara, a celebração possui traços católicos e toda uma comitiva que lembra uma corte medieval, com imperador, imperatriz, mordomos etc. Há também um elemento da cultura popular local que é a presença das caixeiras, isto é, mulheres que durante o cortejo tocam tambores. Toda a preparação da festa ocorre um ano antes e há também mesas de doces, cada uma com duas a três dúzias de enfeites ou lembranças para serem distribuídas entre os amigos e colaboradores (FERRETI, 2005, p. 3).

Segundo Franco Jr. (2006), se olharmos para o esqueleto e não para a nova face e as novas roupagens do Ocidente no século XX, outra vez encontraremos muito da Idade Média. Ainda que popularmente pouco entendida e percebida, ela esta presente no cotidiano dos povos ocidentais, mesmo daqueles que como nós, na América, não tiveram um “período medieval”. É verdade que há tendência a se creditar muitas dessas características a outros momentos históricos (Grécia Clássica, Modernidade), mas isso se deve ao enraizamento do preconceito em relação à Idade Média. Ainda agora, na passagem do século XX ao XXI, vivemos no Ocidente muito ligados à herança medieval.

Partindo dessa análise, no desenvolvimento do projeto, em aula, fizemos algumas citações para além da Festa do Divino, como exemplos das reminiscências medievais na atualidade, como, o patrimônio linguístico ocidental, que é quase todo medieval, o patrimônio de valores sociais também tem muito do medieval.

O patrimônio da cultura material do Ocidente apresenta igualmente uma longa lista de elementos criados ou difundidos pela Idade Média, objetos sem os quais a vida moderna seria inimaginável, mas que dificilmente as pessoas sabem que sucedem a este período. Alguns exemplos são: calça comprida (século V), ferraduras (século X), colher (século XI), álcool (ca. 1100), moinho de vento, chaminé, tear com pedal (todos século XII), camisa com botão (ca. 1204), óculos (ca. 1285), carrinho de mão, ferro fundido, luneta, serra hidráulica, espelho de vidro (todos do século XIII), entre muitos outros objetos que fazem parte do nosso dia a dia.

Ainda, o patrimônio intelectual de origem medieval é riquíssimo. Dele fazem parte as universidades, que ate hoje preservam de suas origens no século XII a pedagogia (aulas expositivas e debates de textos), a concessão do direito de exercícios profissional, a estrutura administrativa (reitor, divisa em faculdades), Dos algarismos arábicos (século X), condição para a matemática moderna e, assim, para as demais ciências exatas, entre outros.

Foram através dessas exemplificações, mesmo que de forma breve, citamos esses elementos, para facilitar a compreensão dos alunos para entenderem e perceberem a permanência de infinitas referências medievais na nossa sociedade. Nosso projeto se aprofundou na Festa do Divino Espírito Santo, por ser uma manifestação cultural coletiva e muito conhecida no Estado.

Todos esses recursos explanados de forma amistosa e participativa proporcionaram uma troca de informações e conhecimentos muito válida e promissora, sem dúvida a disciplina História se fez como agente de transformação, com ensino dinâmico e atrativo, possibilitando assim a formação de um sujeito crítico.

A professora de História avaliou como muito interessante e produtivo o desenvolvimento do projeto. E pontuou como que a inserção de um método tão simples ajudou na construção de um novo conhecimento, *“Por isso é importante estar em constante formação, porque ajuda no desenvolvimento do aluno através de novos caminhos.”* (Mary Jones).

A aplicação do projeto sobre a Festa do Divino no ensino básico foi de suma importância para a experiência pessoal na graduação. Além de contribuir para o processo de formação dos conhecimentos referentes à Idade Média e educação, proporcionou, a oportunidade de contato com a nossa área de trabalho, o ensino de História, com a comunidade escolar, e todas as suas ramificações, que englobam dificuldades e satisfações no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rita. **Festas: máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no carnaval de Recife**. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1996.

BARBOSA, Marise Glória. **Um as mulheres que dão no couro, As caixei ras do Divino no Maranhão**. São Paulo, Dissertação de Mestrado em História, PUC-SP, 2002.

BÍBLIA, Português. **A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 2000.

BITTENCOURT, Circe (Org.). **O Saber Histórico na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 1998.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução francesa da historiografia** / Peter Burke; tradução Nilo Odalia. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

FERRETI, Sérgio. O Mito e Ritos de Dom Sebastião no Tambor de Mina e no Bumba-meu-Boi do Maranhão. In: 10º Congresso Brasileiro de Folclore. **Anais ...** Recife: Comissão Nacional de Folclore. São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2004.

FRANCO JR., Hilário. O Significado da Idade Média. **In: A Idade Média, Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

FRANCO JR., Hilário. **A Idade Média, Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FONSECA, Maria do Socorro. **A festa do Divino Espírito Santo na cultura maranhense**. Monografia de conclusão de curso em Letras. São Luís: Universidade Estadual do Maranhão, 1997.

HORN, Geraldo Balduino; GERMINARI, Geyso Dongley. **O Ensino de História e seu currículo: teoria e método**. Petrópolis: Vozes, 2006.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E STATÍSTICA. **Pesquisa de censo populacional**. Alcântara. Maranhão, 2010.

IPHAN. **Alcântara cidade monumento.** Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/345>. Acesso em: 2019 maio. 2019.

IPHAN. **Caixeiros do Divino Espírito Santo: no bater da minha caixa estou convidando a folia.** São Luís, 2009.

KARNAL, Leandro (Org). **História na Sala de Aula: Conceitos, Práticas e Propostas.** São Paulo: Contexto, 2004.

LIMA, Carlos de. **A Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (Maranhão).** 2º ed. Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória/Grupo de Trabalho de Alcântara, 1988.

MACEDO, José Rivair. **Repensando a Idade Média no Ensino de História.** In: KARNALL, Leandro (Org.). **História na Sala de Aula.** São Paulo: Contexto, 2003, p. 109-125.

MORAES, Isterline de Jesus Cajado. **A Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara: a mistura do profano com o sagrado.** Monografia de Conclusão de Curso em História. São Luís: Universidade Estadual do Maranhão, 2009.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Cultura. Centro de Memória de Velhos. **Depoimentos: Uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense.** São Luís: Lithograf, 1997.

MARANHÃO. **Lei 5030 de 1990.** Dispõe sobre a fundação de amparo e pesquisa e ao desenvolvimento científico e tecnológico do Maranhão – FAPEMA.

PEREIRA, Keyla Cristina Santana. **A festa do Divino Espírito Santo: o teatro das memórias populares. Uma análise a partir dos personagens da festa na Casa das Minas.** Monografia de Conclusão do Curso de História. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2007.

PERNOUD, Régine. **O mito da Idade Média.** Lisboa: Europa-América, s.d.

PINSKY, Carla (Org). **Fontes históricas.** São Paulo: Contexto, 2008.

SANTHIAGO, Ricardo. **História oral na sala de aula.** Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SANTOS, Sandra Regina R. e ABRANTES, Elizabeth. **Sugestões didático-metodológicas para o ensino de História.** São Luís: EDUEMA, 2012.

SCHMIDT, M. A. **A formação do professor de história e o cotidiano da sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2004.

VIEIRA, Ana Livia B. e ZIERER, Adriana (Orgs). **História Antiga e Medieval. Rupturas, Transformações e Permanências: sociedade e imaginário.** São Luís: Ed. UEMA, 2009, v. 2.

ZIERER, Adriana. **Iluminando a Idade Média: um breve panorama sobre a História Medieval no Brasil e a relação História-Ensino.** In: ZIERER, Adriana e XIMENDES, Carlos A. (Orgs). **História Antiga e Medieval: cultura e ensino.** São Luís: Ed. UEMA, 2009, v. 1, p. 9-27.

ZIERER, Adriana (Org). **Uma Viagem pela Idade Média: estudos interdisciplinares.** São Luís: Ed. UEMA/Apoio FAPEMA, 2010.

ZIERER, Adriana. História, Ensino e Pesquisa. In: **Ciências Humanas em Revista.** São Luís: EDUFMA, v. 5, 2007, p. 201-211.

ZIERER, Adriana (Org). **Estudos medievais no Maranhão: primeiros olhares.** São Luís: Eduema, 2017.

APÊNDICE

Atividades desenvolvidas para aplicação em sala de aula

ATIVIDADE 01 - O que se entende por Idade Média?

(Buscar principais “conceitos” e fazer análise sobre suas permanências).

ATIVIDADE 02 - Uso de recursos de multimídia.

- Exibição de imagens: Fotos da Festa em 2011 e 2012;
- DVD do rito;
- Oficina de caixeiros.

ATIVIDADE 03 – Dinâmica recreativa. Alternativas de atividades que visam à exploração de textos, concentração e dinâmica de grupo.

Material: Imagens e palavras diversas;

Desenvolvimento: Crianças sentadas com caderno e caneta;

Explicar ação: Sortear palavras e imagens. Mostrar imagens e objetos diversos para que os alunos criem uma história imaginária. Entregar textos após 30 minutos.

ATIVIDADE 04 – Estimular a concentração dos alunos através de atividade dinâmica.

- Palavras Cruzadas;
- Caça Palavras;
- Jogo de perguntas e respostas.

ATIVIDADE 05- Produção Textual. Trabalhar o lúdico dos alunos.

- Usar textos de apoio, com cópia para os alunos sobre a Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara.
- Após as leituras, pedir que cada aluno faça um resumo, destacando o que mais lhes chamou atenção nas distintas narrativas.
- A professora deve fazê-los refletir sobre os desdobramentos da História Oral. Eles devem começar com o clássico... **ERA UMA VEZ...**

ATIVIDADE 06 – Trabalho Escolar para casa.

- Pedir recortes em que os alunos identifiquem reminiscências medievais no seu dia a dia. Para facilitar, a professora deve destacar alguns exemplos, tais como:
 - Jogos de vídeo games;
 - Filmes;
 - Arquitetura;

- Literatura de cordel;
- Costumes sociais;
- Músicas;
- Manifestações culturais: Festa do Divino.

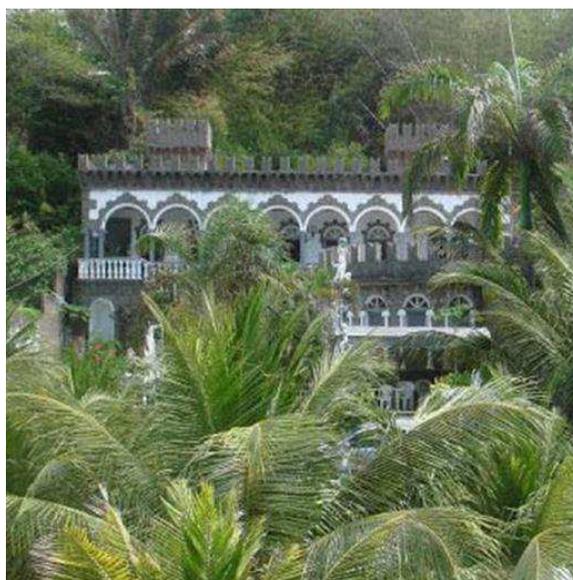
ATIVIDADE 07 - Aula externa* - Passeio para algum lugar que faça menção as Heranças Medievais.

- Sugestões: O Castello Dovera.

Quase escondido no meio das árvores, chama atenção pela sua construção imitando o estilo das fortificações da Idade Média. Ela fica na Rua da Lagoa, próxima à Praia do Aracagy, distante cerca de 18 quilômetros do Centro da Cidade de São Luís. A obra é do italiano Cherubino Luigi Dovera.



Figuras 27, 28 e 29: Castelo de Dovera.



Fotos e Fonte: Turismo e Cia.